

Implicações

Relação entre manejo racional e bem-estar bovino

Mateus José Rodrigues Paranhos da Costa *



CLAUDIO HADAMANTZ/ESPRESSO

Pasto sombreado: condição ideal para o bem-estar animal. Belém, PA

Isso demanda uma abordagem multidisciplinar, com integração de conceitos de diversas áreas do conhecimento – fisiologia, genética, etologia e ecologia, dentre outras – e exige uma definição, clara e inequívoca, do que seja bem-estar animal. Neste texto, foi adotada a definição de Broom (1986), que caracterizou o bem-estar como o estado de um dado organismo, durante suas tentativas de se ajustar ao ambiente. Segundo o autor, essa definição tem várias implicações, dentre as quais se destacam: 1) o bem-estar é uma característica de um animal, não é algo que possa ser fornecido a ele; assim, a ação humana pode melhorar o bem-estar animal, mas não se pode considerar bem-estar o fato de se proporcionar ao animal um recurso ou uma ação; 2) o bem-estar pode variar entre muito

ruim e muito bom; não se pode simplesmente pensar em preservar e garantir o bem-estar, mas sim em melhorá-lo ou assegurar que ele seja bom; 3) o bem-estar pode ser medido cientificamente, independentemente de considerações morais; assim, a medida e a interpretação do bem-estar devem ser objetivas.

Há vários recursos e estímulos necessários para que os bovinos se encontrem em condições de bem-estar, como: o espaço em si, que deve permitir aos animais manterem suas atividades em um contexto social equilibrado; os abrigos, que devem protegê-los dos rigores do clima; e os alimentos, incluindo as forragens, a água e os suplementos, dentre outros. Existem particularidades que definem os graus de necessidades para cada um

desses recursos, dependendo das características genéticas e ambientais de cada espécie e suas relações com o ambiente. Por exemplo, a necessidade de sombra, que vai depender da capacidade de adaptação do animal ao calor. Portanto, os maiores riscos para a diminuição do bem-estar dos bovinos decorrem da ausência ou da deficiência de um ou mais recursos necessários, resultando no aumento da competição entre os animais, com prejuízos óbvios para os submissos.

É responsabilidade de quem cuida dos animais o atendimento dessas necessidades, garantindo boas condições de vida, por meio de ações de manejo adequadas. Invariavelmente, os bovinos são manejados com gritos, pancadas, uso de ferrão ou de choque; além dessas, há práticas de manejo bastante aversivas, como a marcação e a castração. Ações aversivas e necessidades não atendidas geralmente conduzem a respostas negativas, com o aumento do nível de medo dos animais em relação aos humanos, dificultando o manejo e resultando em estresse agudo ou crônico. Esses fatores combinados podem resultar em queda na produtividade e na qualidade dos produtos.

Embora mudanças de atitude tenham forte apelo filosófico, levando muitas pessoas a reconhecer que “(...) dever-se-ia evitar a manutenção de animais em condições desconfortáveis simplesmente por isso, em si, ser uma coisa má (...)” (Singer, 2000), o argumento econômico é eficiente para promover mudanças nas técnicas de criação. Por exemplo, tem sido recomendado aos produtores que

melhorem os procedimentos durante o manejo de pré-abate, de forma a reduzir problemas de contusões e baixo pH nas carcaças. Não por acaso, quando se aborda o tema bem-estar animal cientificamente, surge uma convergência de interesses. Assim, o conhecimento e o respeito aos animais melhora o seu bem-estar, propiciando, conseqüentemente, melhores resultados econômicos, quer pelo aumento da eficiência do sistema de criação, quer pela obtenção de produtos de melhor qualidade. Esse é o princípio que orienta o manejo racional de bovinos de corte.

MANEJO RACIONAL

Na adoção do manejo racional dos bovinos, é fundamental que as pessoas envolvidas disponham de três condições básicas: 1) assumam atitude humanitária, reconhecendo-os como seres sencientes – que são capazes de sentir – e respeitem essas características; 2) conheçam o comportamento dos animais, tendo isso em conta no desenvolvimento das técnicas de criação e de manejo; 3) tenham responsabilidade na execução das ações de manejo, reconhecendo as situações que colocam o bem-estar dos animais em risco e buscando alternativas para evitá-las ou minimizá-las.

Do ponto de vista prático, as conseqüências do manejo agressivo são dificuldades no trabalho com o gado (retardando-o), lesões nos animais (fraturas, cortes, hematomas etc.), danos nas instalações e riscos de acidentes para os trabalhadores. A simples adoção de boas práticas de manejo no curral pode diminuir – ou mesmo eliminar – esses problemas. Dentre elas, podem ser destacadas: circular com calma pelo curral, trabalhar sem pressa, evitar movimentos rápidos e violentos, evitar barulhos e gritos, não agredir os animais, evitar situações que os distraiam e manejar sempre pequenos grupos de animais.

É imperativo antecipar as situações de risco, o que deve ser feito pela avaliação

periódica das condições de manejo. Por exemplo, por meio de pesquisas, como a que avaliou os pontos críticos no manejo de vacinação contra febre aftosa (Chiquitelli Neto et al., 2002) e definiu uma nova estratégia para se fazer o manejo racional na vacinação (Figura 1). A eficiência desse tipo de manejo foi avaliada com a realização de experimentos comparativos ao manejo convencional. O manejo racional resultou em menor ocorrência de com-

portamentos indesejáveis (Figura 2) e de sangramento no local de vacinação (Figura 3). O tempo despendido no manejo não diferiu significativamente entre o manejo racional (9,3 s/cabeça) e o convencional (10,2 s/cabeça).

A mesma estratégia tem sido adotada para o desenvolvimento e implementação de boas práticas de manejo, envolvendo outros processos que integram a rotina de trato dos bovinos nas fazendas e nos frigoríficos (Paranhos da Costa et al., 2002). Com isso, proporcionam-se melhores condições de vida para os bovinos e para as pessoas que com eles trabalham, com reflexos positivos na lucratividade do negócio da carne bovina. 

* **Mateus José Rodrigues Paranhos da Costa** é professor do Departamento de Zootecnia da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias (FCAV), da Universidade Estadual Paulista (Unesp), de Jaboticabal (mpecosta@fcav.unesp.br).

FIGURA 1 | PROCEDIMENTO DURANTE O MANEJO RACIONAL NA VACINAÇÃO



FIGURA 2 | PORCENTAGEM DE OCORRÊNCIA DE COMPORTAMENTOS INDESEJÁVEIS EM FUNÇÃO DO TIPO DE MANEJO NA VACINAÇÃO

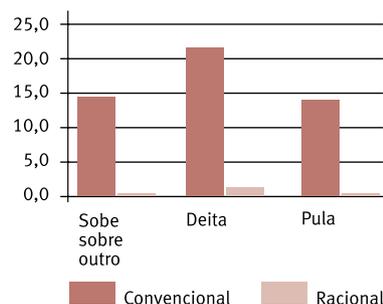
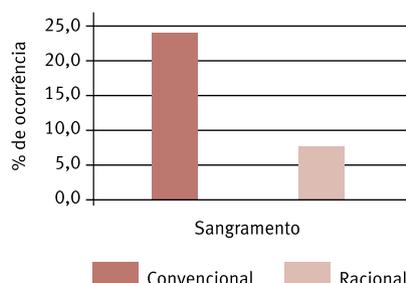


FIGURA 3 | PORCENTAGEM DE OCORRÊNCIA DE SANGRAMENTO NO LOCAL DA VACINAÇÃO, EM FUNÇÃO DO TIPO DE MANEJO



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BROOM, D. M. Indicators of poor welfare. *British Veterinary Journal*, v. 142, p. 524-526, 1986.
- CHIQUITELLI NETO, M.; PARANHOS DA COSTA, M. J. R.; PÁSCOA, A. G.; WOLF, V. Manejo racional na vacinação de bovinos Nelore: uma avaliação preliminar da eficiência e qualidade do trabalho. In: JOSAHKIAN, L. A. (Ed.). CONGRESSO BRASILEIRO DAS RAÇAS ZEBUÍNAS, 5, 2002. *Anais...* Uberaba: ABCZ, 2002. p. 361-362.
- PARANHOS DA COSTA, M. J. R.; COSTA E SILVA, E. V.; CHIQUITELLI NETO, M.; ROSA, M. S. Contribuição dos estudos de comportamento de bovinos para implementação de programas de qualidade de carne. In: ENCONTRO ANUAL DE ETOLOGIA, 20., 2002, Natal. *Palestras...* Natal: Sociedade Brasileira de Etologia, 2002. p. 71-89.
- SINGER, P. *Liberção animal*. Porto: Via Optima, 2000. 290 p.